

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**255**

**A ALTERIDADE EM CONTEXTO:  
A ANTROPOLOGIA COMO CIÊNCIA  
SOCIAL NO BRASIL  
Mariza G.S. Peirano**

**Brasília  
1999**

## A alteridade em contexto: a antropologia como ciência social no Brasil

Mariza GS Peirano  
Universidade de Brasília \*

### O problema

Por muito tempo a antropologia foi definida pelo exotismo do seu objeto de estudo e pela distância, concebida como cultural e geográfica, que separava o pesquisador do seu grupo de pesquisa. Esta situação mudou. Mesmo nos centros socialmente legítimos de produção antropológica — para muitos, onde se faz a “antropologia internacional” —,<sup>1</sup> hoje o ideal do encontro radical com a alteridade não é mais a dimensão considerada essencial da antropologia. Nestes centros, houve uma mudança gradual em que a alteridade foi se tornando mais próxima — dos trobriandeses aos azande, destes aos kwakiutl passando pelos bororo, daí para os países mediterrâneos, até que nos dias atuais, bem diferente de há vinte anos atrás, uma antropologia que se faz perto de casa, “at home”, é não só aceitável quanto desejável. No caso europeu, este tipo de investigação permanece sendo considerada “antropologia”; para outros, os norte-americanos especialmente, a investigação *at home* deixa de ser antropologia e passa a fazer parte dos *cultural studies* (ou *feminist studies*, *science studies* etc).<sup>2</sup>

Sugiro que, mesmo se a dimensão da alteridade mudou, o princípio não desapareceu. A idéia de que a alteridade é um aspecto fundante da antropologia, sem a qual a disciplina não reconhece a si própria, é um dos argumentos centrais desse ensaio. O Brasil é o caso etnográfico privilegiado. Chamo a atenção para o fato de que, no contexto brasileiro, as exigências relativas à alteridade adquiriram desde cedo contornos específicos. Uma alteridade radical — no caso, a indígena —, vigente até os anos 50, nas décadas seguintes passou a conviver com alteridades “amenizadas” em que antropólogos faziam pesquisa sobre o contato com as populações indígenas, com camponeses, chegando aos contextos urbanos até que, mais recentemente, nos anos 80, passaram a dirigir sua reflexão para a própria produção sociológica, tornando-se este

---

\* Pesquisadora do Núcleo de Antropologia da Política (NUAP) e CNPq.

<sup>1</sup> Ver Gerholm & Hannerz 1982, para quem a antropologia internacional equivale ao somatório da disciplina nos Estados Unidos, Inglaterra e França.

<sup>2</sup> Ver Peirano 1998, para uma avaliação da chamada antropologia pós-moderna como “*anthropology at home*”.

um caso de alteridade mínima. No contexto da antropologia no Brasil, nos últimos trinta anos a alteridade deslizou territorial e ideologicamente, em um processo dominado pela incorporação de novas temáticas e ampliação do universo pesquisado.

O exemplo brasileiro revela, assim, que a diferença cultural pode assumir, *para os próprios antropólogos*, uma pluralidade de noções: se em termos canônicos ela seria tão radical que idealmente estaria além-mar, ao se aculturar em outras latitudes a alteridade se traduziu em diferenças relativas e não necessariamente exóticas. Juntas ou separadas, essas diferenças podem ser culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas e até territoriais. Assim sendo, o processo que nos centros metropolitanos levou um século para se desenvolver, isto é, trazer (de além mar) a disciplina para casa, no Brasil não demorou mais que três décadas. Mesmo que entre nós hoje existam prioridades intelectuais e/ou empíricas, assim como modismos (teóricos ou de objetos/sujeitos), não há propriamente restrições em relação a essa multiplicidade de “alteridades”. Na última década, inclusive, a presença de um mínimo de especialidades, entre elas temáticas indígenas, camponesas, urbanas, afro-brasileiras e outras, vem sendo considerada uma exigência para a definição de um departamento de excelência. (Nos Estados Unidos os critérios são diferentes e um bom departamento de antropologia se define pelas especialidades em áreas concebidas como geográfico/culturais que abrangem os vários continentes.)

O foco central deste ensaio recai nas três últimas décadas do desenvolvimento da antropologia no Brasil, mas não se restringe a este período. Adoto, na verdade, uma estratégia de contrastes, quer históricos, quer etnográficos e incluo, com esse propósito, casos comparativos ao longo do texto, como os da Índia e dos Estados Unidos.<sup>3</sup> Tenho como objetivo apresentar uma configuração típico-ideal para a antropologia desenvolvida no Brasil. Procuo indicar, ao focalizar a produção da comunidade brasileira de antropólogos, em que medida — apesar de ser considerada por muitos como “periférica” — ela oferece uma oportunidade para se detectar elementos fundantes nos próprios centros metropolitanos, além de evidenciar em que sentido a disciplina aqui tanto acompanha as experiências desenvolvidas em outros contextos quanto também difere delas. Este é, portanto, mais um ângulo de visão do que se pode chamar uma antropologia no plural.

## **Orientação geral**

Neste ensaio, levo em consideração que uma disciplina pode ter o mesmo nome em diversos momentos sem que tenha necessariamente o mesmo conteúdo ou o mesmo objetivo. Assim, denominar um tipo de conhecimento de “antropologia” em momentos e contextos diversos não significa que se está designando o mesmo fenômeno. Segundo, parto do suposto de que não é possível falar sobre a história de uma disciplina sem levar em conta o desenvolvimento de disciplinas vizinhas — quer estas sejam modelos ou rivais da primeira. Assim, por exemplo, investigar o

---

<sup>3</sup> Destaco que, ao mencionar o momento sociogenético das ciências sociais no Brasil, isto é, as décadas de 40-60, centro minhas atenções em São Paulo e no Rio de Janeiro por critérios de relevância sociológica.

desenvolvimento da antropologia no Brasil depois dos anos 50 exige que se examine as demais ciências sociais, isto é, pelo menos a sociologia e a ciência política; para uma avaliação antes dos anos 50, é preciso levar em consideração a literatura.<sup>4</sup> Terceiro, mesmo quando se define um enfoque dominante para uma disciplina, este nem sempre é desenvolvido só por especialistas da área. Isto significa que, conscientemente ou não, não-antropólogos podem fazer antropologia. Finalmente, uma disciplina acadêmica revela sua possível configuração no diálogo com as idéias e valores dominantes de uma sociedade. No caso brasileiro, as ciências sociais foram reconhecidas socialmente quando o país passou a se considerar legitimamente parte do mundo moderno, aderindo ao preceito iluminista de estar comprometida com a vida nacional no seu conjunto (E Becker 1971; Lepenies 1977; Candido 1964, 1987; Dumont 1994; Peirano 1992).

Essa orientação nos remete de imediato a uma questão central: externamente, tem sido com a sociologia que a antropologia como disciplina vem dialogando desde a institucionalização das ciências sociais na década de 30; já internamente, este diálogo é rebatido como uma dicotomia entre a etnologia indígena *feita no Brasil* e as investigações antropológicas *sobre o Brasil*. Na década de 50, tendo a sociologia se tornado hegemônica entre as ciências sociais — e concebida como uma abordagem que combinava excelência teórica com engajamento político —, à antropologia restou a opção de se manter nos parâmetros dos estudos de sociedades indígenas, como até então, ou integrar-se no projeto sociológico dominante. Quando Florestan Fernandes transferiu suas preocupações dos Tupinambá para as relações raciais, este movimento representou mais que uma guinada na direção da Escola de Chicago, e também mais que uma admissão de que os Tupinambá só serviram para a formação de seu autor. Naquele momento, a excelência acadêmica definiu-se como parâmetro e a temática nacional se estabeleceu como projeto; teoria e política passavam a fazer parte da agenda das ciências sociais no país.<sup>5</sup> É quando, então, o rótulo antropologia se expande em pelo menos duas direções: ele serve para designar a investigação etnológica canônica em busca da alteridade radical, mas passa também a indicar uma sublinhação que, definindo-se também como antropologia, dialoga com a sociologia hegemônica. Tenho em mente, no segundo caso, os estudos sobre “fricção interétnica”,<sup>6</sup> que viam o contato com grupos indígenas como um indicador sociológico para se estudar a sociedade nacional — isto é, seu processo expansionista e sua luta pelo desenvolvimento.<sup>7</sup> Esta ampliação dos limites da disciplina persiste hoje, em um quadro onde convivem, no mesmo meio acadêmico, uma antropologia *feita no Brasil* e uma *antropologia do Brasil*.<sup>8</sup> Para além da pesquisa indígena propriamente dita, uma antropologia feita no/do Brasil é uma aspiração comum.

<sup>4</sup> Ver Peirano (1995) para um diálogo da antropologia com as demais ciências sociais.

<sup>5</sup> Ver Fernandes 1963, 1970, 1972, 1975, 1977; Schwartzman 1991; Peirano 1992.

<sup>6</sup> Ver Cardoso de Oliveira 1963, 1978.

<sup>7</sup> A hegemonia da sociologia neste momento atinge as demais ciências sociais, como a ciência política, mas também a filosofia, a história e, até mesmo, o folclore. Este último desaparece de cena no embate com a sociologia, vencido no seu propósito de se tornar um saber científico (Vilhena 1997).

<sup>8</sup> É bem verdade que, em alguns grupos e/ou programas, o termo “etnólogo” é reservado para pesquisadores de grupos indígenas.

## Exotismo e tipo ideal

Neste ensaio, considero o exotismo a diferença limite da apreensão antropológica. Da perspectiva do tema clássico dos tabus, o exotismo é a alteridade mais distante, remota e, ainda assim, passível de apreensão em um determinado universo. É certo que noções mais ou menos explícitas de distância (territorial, cultural, social) estão sempre presentes, mas a alteridade como *diferença* ou como *exotismo* divergem: se todo exotismo é um tipo de diferença, nem toda diferença é exótica. Por outro lado, a ênfase na diferença tem como dimensão intrínseca a comparação; já a ênfase no exotismo dispensa contrastes.<sup>9</sup>

Contudo, o exotismo na antropologia não é uma realidade histórica pura e, muito menos uma “realidade autêntica”, no sentido weberiano. Trata-se, sim, de um elemento relevante para a construção de um tipo ideal, em relação ao qual se podem medir exemplos empíricos a fim de esclarecer alguns de seus traços essenciais. Reforço essa proposta observando que hoje um grupo de antropólogos vem questionando como indesejável exatamente a dimensão exótica da antropologia (por exemplo, Thomas 1991). Mas, na medida em que essas críticas não levam em conta o significado contextual do exotismo e, portanto, a ele não se oferecem alternativas senão sua erradicação, fica enfatizado, às avessas, seu papel fundante e a evidência de que, sem uma noção de diferença, a antropologia desaparece.<sup>10</sup>

Mas é preciso notar que, em termos empíricos, a antropologia nunca se definiu simplesmente pelo exotismo, embora até o meio do século a antropologia se visse como “aquele ramo dos estudos sociológicos que se devota primordialmente às sociedades primitivas” (Evans-Pritchard 1951). Logo a seguir, contudo, Lévi-Strauss (1961) lembrou que o caráter específico da antropologia não estava no seu objeto empírico concreto mas, sim, naquela dimensão de *diferença* que sempre havia estado presente no estudo dos povos primitivos — se até então esses desvios diferenciais só podiam ser apreendidos comparando civilizações distintas e longínquas, agora eles poderiam ser notados dentro do próprio mundo ocidental, no momento em que o ocidente se tornava uma grande “aldeia crioula”. (No entanto, quando Lévi-Strauss veio ao Brasil nos anos 30, seu horizonte de pesquisa era o exotismo. Castro Faria menciona que a designação de “expedição” era coerente com a preocupação de Lévi-Strauss em fotografar e documentar o que encontrava para, posteriormente, mostrar o material em Paris;<sup>11</sup> Peixoto (1998) indica o papel fundamental dessa exposição na carreira do autor.)

---

<sup>9</sup> Mas, como sempre, definições não são absolutas. Ver adiante.

<sup>10</sup> Para muitos destes estudiosos, especialmente os norte-americanos, a antropologia como disciplina acadêmica foi um fenômeno do século XX — embora eles próprios ainda se denominem antropólogos (cf. Peirano 1998).

<sup>11</sup> Cf. depoimento de Luiz de Castro Faria na reunião da ABA, 1998, Vitória, ES.

Este estímulo nunca foi dominante no Brasil.<sup>12</sup> O fato de as pesquisas indígenas serem realizadas em território nacional indica menos problemas de recursos financeiros — um argumento também a se considerar — e mais a escolha de um objeto de estudo que se apresenta ou se mistura com uma preocupação com diferenças que são culturais e/ou sociais, ratificando a idéia de que, no Brasil, a influência durkheimiana se sobrepôs à germânica. Pode-se naturalmente argumentar que os grupos indígenas representaram o “exotismo possível” no Brasil, mas a alteridade *não* sendo predominantemente radical, prevaleceu a exigência de rigor teórico combinado à força moral que define a ciência social como comprometida e transformadora. (Durkheim explicitamente negava o interesse pelo mero exótico e afirmava que a sociologia “*não* busca conhecer formas extintas de civilização com o objetivo único de conhecê-las e reconstituí-las”, como também “*não* procura estudar a religião mais simples pelo simples prazer de contar suas extravagâncias e singularidades”. Para Durkheim, a sociologia tem por objeto explicar uma realidade atual e próxima, “capaz portanto de afetar nossas idéias e nossos atos” (1996:v-vi; ênfase minha).)

Retornando ao ponto crítico dos anos 50, compreende-se então que, no momento em que era vitorioso na sua proposta de forjar uma sociologia feita no Brasil, Florestan Fernandes (1961) tenha criticado duramente o empirismo da antropologia e seu descaso com questões de fundo teórico. Por outro lado, fica também esclarecido porque só recentemente a antropologia no Brasil retomou os Tupinambá como modelo;<sup>13</sup> porque pouco existe na antropologia contemporânea que evidencie uma conexão direta com a linha de pesquisas indígenas que se desenvolveu na década de 50 na USP — como uma associação imediata entre antropologia e exotismo poderia supor;<sup>14</sup> porque as descendências intelectuais dos etnólogos alemães do século XIX não se tornaram regra geral (como em Schaden 1954b, 1995a; Baldus 1954, por exemplo);<sup>15</sup> e, finalmente, porque a disputa histórica entre uma vertente

---

<sup>12</sup> Mas ele é observável em antropólogos estrangeiros quando chegam ao Brasil. Ao decidir-se pela pesquisa no Brasil central, por exemplo, Anthony Seeger relata que tinha, além de uma razão teórica, outra pessoal: o Brasil era um lugar fascinante desde suas aulas de geografia no curso primário: “Os animais estranhos, o número abundante de insetos e as pequenas sociedades me fascinavam” (1980:26). Mas ver Fry (1999) para uma visão crítica da “diferença” nos legados coloniais em Zimbábue e Moçambique.

<sup>13</sup> Viveiros de Castro (1986) sinaliza a retomada dos estudos sistemáticos sobre os Tupinambá, três décadas depois das pesquisas de Florestan Fernandes.

<sup>14</sup> Peixoto (1988) elenca os temas que se tornaram dominantes na antropologia paulista: migração, a cidade de São Paulo, relações raciais. Por sua vez, João Batista Borges Pereira contesta a idéia de ruptura na antropologia esclarecendo que, como estudante da Universidade de São Paulo, preparou um projeto de pesquisa sobre o negro, que Florestan Fernandes rejeitou, mas Egon Schaden aceitou orientar (comunicação pessoal).

<sup>15</sup> Egon Schaden foi o responsável pela cadeira de antropologia por quase duas décadas, de 1949 a 1967 (Peixoto 1998). Propostas para identificar linhagens intelectuais da antropologia no país quase nunca citam os Guarani ou os Tapirapé como inspiradores, mas indicam como precursores, por exemplo, os estudos de comunidade da Escola Livre de Sociologia e Política (Castro Faria 1993) ou, ainda, a influência sociológico-marxista presente na noção de fricção interétnica, equivalente conceitual da luta de classes (Peirano 1981). Ver, contudo, Melatti (1984), cujo propósito é o de oferecer uma visão panorâmica da produção antropológica no Brasil.

antropológica canônica e outra sociológica encontrou sua resolução na noção da antropologia *como ciência social*.<sup>16</sup> Como ciência social, ela se insere em um quadro geral em que conhecimento e comprometimento político estão unidos numa configuração única, situação distinta da que se pode encontrar, por exemplo, nas “humanidades” e nos *four fields* norte-americanos — onde a antropologia social ou cultural dialoga com a arqueologia, a lingüística e a antropologia física/biológica —, ou ainda na distinção etnologia/sociologia de outras vertentes européias.<sup>17</sup> Se as disciplinas vizinhas diferem, são também distintas as perguntas que as disciplinas se fazem.

## O caso do Brasil

Se a noção de diferença é definidora da antropologia, a questão é saber onde ela se aninhou no caso brasileiro. Proponho que nos últimos trinta anos a alteridade *deslizou* de um pólo onde ela é (ou pretende ser) radical e outro onde nós mesmos, cientistas sociais, somos o Outro. Desta perspectiva, podemos identificar quatro tipos ideais: (a) a alteridade radical; (b) o contato com a alteridade; (c) a alteridade próxima; (d) a alteridade mínima. Esses tipos não são excludentes e, ao longo de carreiras acadêmicas, antropólogos transitam em vários deles. Em termos cronológicos, nota-se uma certa seqüência: o projeto de se pesquisar a alteridade radical antecipa o estudo do contato; a ele se segue a antropologia em casa, até que se atinge a investigação da própria produção sociológica no país. Este é o momento em que fronteiras nacionais são ultrapassadas e retorna-se à alteridade radical, agora modificada. (Esclareço que, no que se segue, não faço citações exaustivas dos casos indicados, mas apenas menciono alguns trabalhos para sinalizar diferenças temáticas e de abordagem. Aos autores cujos trabalhos são citados, desculpo-me pela simplificação inevitável.)

### *A alteridade radical*

A procura canônica pela alteridade pode ser ilustrada no Brasil em termos de distância (geográfica ou ideológica), de duas maneiras: primeiro, no estudo de populações indígenas; segundo, no objetivo mais recente de se ultrapassar os limites territoriais do país. Em ambos os casos, em termos comparativos, a alteridade não é extrema.

<sup>16</sup> A idéia de ciência social está vinculada à noção de “missão” do cientista em contribuir para a vida intelectual do país. Ver Candido (1964) para a idéia de uma literatura “empenhada”. Ver, também, Sevcenko 1983. A noção de uma “missão” dos intelectuais no Brasil foi reafirmada no artigo inaugural da coluna de Ariano Suassuna em *A Folha de São Paulo*, 01/02/99, cujo título é exatamente “A missão”. O estudo de Vilhena (1997) aborda diretamente a noção de missão para o caso do folclore. (Naturalmente que esta noção teve conotações diversas para os professores franceses que vieram ao Brasil na década de 30, assim como para os acordos Capes/Cofecub atuais.)

<sup>17</sup> Mesmo no contexto do Museu Nacional/UFRJ, onde a antropologia social convive com a arqueologia e a paleontologia, as áreas não são exatamente complementares.

Vejam os primeiros casos. Hoje iniciantes no campo podem discernir algumas antinomias: Tupi ou Jê; parentesco ou cosmologia; Amazônia e Brasil Central ou Xingu; história ou etnografia; economia política ou cosmologia descritiva (ver Viveiros de Castro 1995b).<sup>18</sup> Como em qualquer antinomia, as opções empíricas estão muito além. Mas, neste contexto, a pesquisa Tupi, tendo praticamente desaparecido da cena etnológica no Brasil durante os anos sessenta e início dos setenta (contudo, cf. Laraia 1964, 1986), fez sua reentrada nas duas últimas décadas (Viveiros de Castro 1986, 1992, Lima 1995, Fausto 1997; ver também Muller 1990, Magalhães 1994). Por sua vez, estas pesquisas induziram um interesse sistemático pelo parentesco que, embora seja a área clássica da antropologia, nos padrões locais configurou-se como novidade (Viveiros de Castro 1995a,b; Viveiros de Castro & Fausto 1993, Villaça 1992, Gonçalves 1993, Teixeira Pinto 1993, 1997); para um debate recente com etnólogos franceses, ver Viveiros de Castro (1994) e Copet-Rougier & Hérítier-Augé (1993).<sup>19</sup>

Antes da década de 80, os Jê haviam sido o grupo mais bem estudado do Brasil: depois dos clássicos trabalhos de Nimuendaju (por exemplo, 1946) os Jê atraíram a atenção de Lévi-Strauss (1952, 1956, 1960) e, seguindo-se, o Projeto Harvard-Central Brazil (Maybury-Lewis 1967, 1979).<sup>20</sup> Em pouco tempo, os resultados deste ambicioso programa de pesquisa tornaram-se a principal fonte de apoio às teses estruturalistas. Para uma geração de antropólogos que desenvolveu sua carreira no Brasil, esta experiência de campo foi fundante (ver, por exemplo, DaMatta 1970, 1976; Melatti 1970a, 1978). Nas décadas seguintes, pesquisas sobre os Jê tiveram continuidade, embora não se colocasse mais a questão da hegemonia: ver, por exemplo, Vidal (1977), Carneiro de Cunha (1978), Seeger (1980, 1981), Lopes da Silva (1986), entre outros. (Para etnologia Xingu e uma antropologia da música, a partir do Xingu, ver Menezes Bastos (1993, 1995).)

Este rápido apanhado indica que as pesquisas são sempre realizadas em território brasileiro.<sup>21</sup> Embora para os especialistas seja fortuito o fato de os grupos indígenas estarem *situados* no Brasil, o fato é que existem implicações políticas e ideológicas nessa localização. Para o objetivo deste ensaio, uma delas indica não ser o exotismo a principal motivação para pesquisa, mas a diferença (social, cultural, cosmológica) entre *eles* e *nós*. Mas tratando-se da linha de pesquisa que corresponde às preocupações mais tradicionais da antropologia, é esta a área onde debates com a

---

<sup>19</sup> Ver Viveiros de Castro (1999), neste volume.

<sup>20</sup> David Maybury-Lewis relembra: “By 1960 I had defended my D.Phil. thesis on the Xavante at Oxford and read L-S’ papers (1952 and 1956). These both fascinated and puzzled me. Fascinated, because of the subtlety of the arguments, and puzzled because of the ethnographic and theoretical objections that I felt I could raise to L-S’ theses. So I published a critique of them in the *Bijdragen* in 1960, which was sent to L-S who replied in the same issue of the journal in 1960 [Maybury-Lewis 1960]. So, by the time the Harvard-Central Brazil Project was launched it was based on a desire to follow up and clarify Nimuendaju and an ongoing argument with L-S” (Maybury-Lewis, comunicação pessoal).

<sup>21</sup> Embora haja vários livros sobre os índios do Brasil (Melatti 1970b, Laraia 1993), Melatti (1999) vem produzindo um levantamento abrangente sobre as áreas etnográficas da América do Sul.



comunidade “internacional” são mais frequentes. Fica a pergunta: nossa diferença será o exotismo alheio?<sup>22</sup>

Há o segundo caso, no qual a alteridade radical é buscada fora do país. Estas pesquisas são recentes e indicam que antropólogos brasileiros não ficam restritos ao território nacional. Mas aqui também se mantém algum vínculo ideológico ao Brasil, sendo possível identificar duas direções. Uma nos leva aos Estados Unidos, que se tornaram uma espécie de “alteridade paradigmática” para estudos comparativos.<sup>23</sup> Esta prática remonta ao estudo clássico sobre preconceito racial de Oracy Nogueira (1986), mas atinge as análises sobre hierarquia e individualismo de Roberto DaMatta (1973a, 1980, 1981). Desenvolvimentos posteriores são, por exemplo, L Cardoso de Oliveira (1989, 1996) e Kant de Lima (1985, 1991, 1995). Neste contexto, um tópico emergente é o estudo de imigrantes brasileiros e portugueses (ver G Ribeiro 1996; Bianco 1992, 1993). Uma segunda direção nos leva às ex-colônias portuguesas e o interesse etnográfico que elas despertam (ver Fry 1991, 1998, que compara e triangula experiências coloniais com base nos casos do Brasil, Estados Unidos, Moçambique e Zimbábue; Trajano 1993a, 1993b, 1998, para o exame dos projetos nacionais de uma sociedade *crioula*, tendo como referência Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe). A antropologia feita em Portugal também instigou um interesse antes inexistente, como indicam congressos e conferências nos dois países (ver Almeida 1996, Bastos 1996, Cabral 1996), atestando mais uma vez os vínculos históricos, lingüísticos e ideológicos.

### *Contato com a alteridade*

Se a alteridade radical consistiu em estudos *de* grupos indígenas, as análises que focalizam a relação da sociedade nacional *com* grupos indígenas constituem o segundo tipo, que denomino de “contato com a alteridade”. Hoje, uma literatura considerável é herdeira direta das preocupações indigenistas que, por muito tempo, eram geralmente explicitadas somente em artigos publicados à parte da obra principal dos etnólogos (por exemplo, Baldus 1939, Schaden 1955b).<sup>24</sup> A transformação desta preocupação em tópico legitimamente acadêmico se deu nas décadas de 50 e 60:

<sup>22</sup> Como área clássica da antropologia, existe à disposição dos especialistas uma literatura especializada e reconhecida sobre a etnologia sul-americana. Ela remonta às expedições germânicas do século dezenove que procuraram no Brasil respostas para as questões européias sobre o estado de natureza dos primitivos (Baldus 1954, Schaden 1954b) e chega a pesquisas de gerações mais recentes, como os trabalhos de Nimuendaju sobre a organização social dos grupos Gê ou a investigação dos anos trinta sobre grupos Tupi (por exemplo, Baldus 1970, Wagley & Galvão 1949, Wagley 1977), além dos trabalhos de Darcy & Berta Ribeiro sobre os Urubu-Kaapor (Ribeiro & Ribeiro 1957); de Florestan Fernandes, ver a reconstrução da organização social e a função social da guerra Tupinambá (Fernandes 1963, 1970); sobre a cultura Guarani, cf. Schaden (1954a).

<sup>23</sup> Ver G Velho (1995) para um levantamento que inclui estudos desde a década de 50. Exceções à regra sobre o vínculo imediato ao Brasil são, por exemplo, G Ribeiro (1991) na Argentina, FR Ribeiro (1994) na África do Sul, Fonseca (1986) e Eckert (1991) na França.

<sup>24</sup> Ver Peirano 1981, cap. 4. Arruti (1996:13) chama a atenção para o fato de que, depois de Pombal, o índio deixa de ser pura alteridade na colônia e se insere na população de súditos que dá conteúdo à idéia de civilização. Deixa, portanto, de ser objeto de destruição mas, não sendo autônomo, torna-se objeto de intervenção transformadora.

Darcy Ribeiro (1957, 1962) centrou o tema na direção do indigenismo que, mais tarde, recebeu o polimento teórico de Roberto Cardoso de Oliveira com a noção de “fricção interétnica” (Cardoso de Oliveira 1963).

Considerada por muitos uma inovação teórica da antropologia feita no Brasil, esta noção apareceu como bricolagem de preocupações indigenistas e inspiração teórica sociológica, revelando “uma situação na qual dois grupos são dialeticamente unidos através de seus interesses opostos” (1963:43). Esta noção foi proposta em um contexto onde as teorias de contato, tanto britânicas (Malinowski) quanto norte-americanas (Redfield, Linton e Herskovitz) haviam se provado inadequadas. Roberto Cardoso substituiu-as pelo somatório singular que fez da preocupação indigenista de Darcy Ribeiro, da sociologia de Florestan Fernandes e dos trabalhos de Balandier — tornando-se um dos casos típicos de descendência intelectual a combinar inspiração “local” com empréstimos “externos”.<sup>25</sup> Em termos de reprodução acadêmica, estes estudos tiveram longa duração e foram centrais na consolidação de vários programas de mestrado e doutorado.<sup>26</sup> (Ver, entre muitos outros, nos anos 70, Amorim 1970, Aquino 1977, Barros 1977, Oliveira Filho 1977.)

No entanto, lembro que, quando a noção de fricção interétnica foi proposta, uma cena peculiar se desenvolvia: dividindo o mesmo espaço institucional e, mais importante, freqüentemente envolvendo os mesmos pesquisadores (Laraia & DaMatta 1967, DaMatta 1976, 1982, Melatti 1967), muitos estudos foram realizados nos quais, de um lado, se examinavam os sistemas sociais indígenas (cf. o Projeto Harvard-Central Brazil, já mencionado) e, de outro, se analisava o contato interétnico.<sup>27</sup>

Para referências atualizadas desta linha de estudos sobre o contato, ver Oliveira Filho (1987, 1988, 1998) para a idéia de territorialização, o processo de mão dupla dela decorrente e o exame dos “índios misturados” do Nordeste; Souza Lima (1995) para investigação sobre o indigenismo como conjunto de ideais relativos à inserção de povos indígenas em sociedades pertencentes a estados nacionais; Baines (1991) para a relação entre grupos indígenas (no caso, waimiris-atroaris) e a Funai; Barretto (1997), para a reconversão da perspectiva sobre o estudo das terras indígenas às unidades de conservação. Para legislação indígena e condições dos índios sul-americanos, ver Carneiro da Cunha (1992, 1993), Santos (1982, 1989).

Depois de uma trajetória no terreno da etnologia clássica (Ramos 1972, 1978, 1979), nas últimas décadas Alcida Ramos vem se dedicando ao tema do indigenismo. Em Ramos (1998), Alcida parte da idéia de que o indigenismo está para o Brasil como o orientalismo está para o ocidente e focaliza a especificidade do caso brasileiro, onde estão gravadas as faces múltiplas do índio, em versões tanto popu

<sup>25</sup> Para Darcy Ribeiro, o *problema indígena* não poderia ser compreendido fora do quadro de referência da sociedade brasileira, pois ele só existe “onde e quando índios e não-índios entram em contato” (1962:136).

<sup>26</sup> Este fato é especialmente notável nos programas de mestrado e doutorado do Museu Nacional/UFRJ e UnB — onde, aliás, Roberto Cardoso de Oliveira desempenhou papel institucional central. (É curioso notar que a noção de fricção interétnica nunca foi exportada além fronteira, como sua aparentada “teoria da dependência”.)

<sup>27</sup> Para esta primeira geração de antropólogos formados no Museu Nacional, o estudo do contato interétnico não foi, portanto, exclusivista. Passados trinta anos, é interessante observar como os empréstimos foram mútuos. Ver Maybury-Lewis 1997. (Ver também Turner 1991.)

lares quanto eruditas. Ver também Ramos (1990, 1995), para uma avaliação da etnografia Yanomami em um contexto de crise. (Na área do contato, Gruber (1997) desenvolve o trabalho pioneiro de oferecer aos índios Tikuna condições modernas para a criação estética.)

Aqui, faço uma pausa para mencionar, sem no entanto elaborar, o estudo antropológico do campesinato — tão relevante, que mereceria trabalho à parte. Indico apenas que, durante os anos setenta, a preocupação com o contato avançou sobre o tema das fronteiras de expansão, tornando tópicos antropológicos legítimos aqueles relacionados ao colonialismo interno, camponeses e desenvolvimento do capitalismo (O Velho 1972, 1976). Ao mesmo tempo, estudos sobre camponeses adquiriram um status temático independente, na medida em que tanto antropólogos quanto sociólogos se dedicaram a ele (entre os primeiros, ver Palmeira 1977, Sigaud 1980, Moura 1978, Seyferth 1985, K Woortmann 1990, Ellen Woortmann 1995, Scott 1992). Na medida em que a alteridade deslizou em termos de localização, ela fechou o círculo e alcançou, de volta, as periferias das grandes cidades (Leite Lopes 1976).

### *A alteridade próxima*

Desde os anos setenta, antropólogos no Brasil fazem pesquisa nas grandes cidades. Como a socialização acadêmica ocorre nos cursos de ciências sociais, ao longo das últimas décadas a abordagem antropológica tornou-se contraponto à sociologia. No desenrolar do autoritarismo político dos anos 60, a antropologia era vista por muitos como uma alternativa aos desafios (marxistas) vindos da sociologia, em um diálogo silencioso que persiste desde então. A atração pela antropologia ora se dá por seus aspectos qualitativos, ora pelo desafio de compreender aspectos do *ethos* nacional. Registre-se, portanto, a diferença marcante da antropologia que se faz nos Estados Unidos. Curiosamente lá, de onde vêm a maioria das influências atuais, só na década de 90 tornou-se apropriado estudar fenômenos próximos aos pesquisadores.<sup>28</sup>

No estudo da alteridade próxima, a opção teórica tem sido via predileta para se alcançar o objeto de estudo. Assim, foi a escola de sociologia de Chicago uma das fontes principais de interlocução de Gilberto Velho (por exemplo, 1972, 1975, 1980, 1981, 1986, 1994). Por este caminho abriu-se a possibilidade de pesquisar temas urbanos sensíveis, que vão de estilos de vida da classe média a hábitos culturais do psiquismo, consumo de drogas e violência.<sup>29</sup> Neste contexto deu-se a primeira pesquisa de campo no país considerada plenamente “urbana” nos termos da antropologia atual, e teve como exemplo o estudo de um edifício no bairro de Copacabana, o então conhecido “Barata Ribeiro 200”. Esta linha expandiu-se para

<sup>28</sup> Mas mesmo nos Estados Unidos uma excessiva familiaridade ainda sofre restrições. Ver Peirano 1999. Compare-se, da perspectiva da antropologia que se faz no Brasil, a abertura de artigo em número recente da *Anthropology Newsletter*: “The hardest thing to see, according to George Orwell, is something right in front of your nose. Anthropologists have always had an easier time focussing on the distant and exotic. We have been less successful finding the exotic close to home, especially in those mundane and vulgar symbols of the middle class that surround and frame everyday life, which millions take for granted” (Wilk 1999).

<sup>29</sup> Antes, foi também na escola de Chicago que Florestan Fernandes se inspirou para seu projeto de “confrontar a sociedade”, depois de dar por encerrada a pesquisa Tupinambá (cf. Peirano 1992).

mais tarde incluir setores populares, velhice, gênero, prostituição, parentesco e família, música, política. Um objetivo dominante do projeto como um todo tem sido desvendar os valores urbanos no caso brasileiro; neste sentido, as pesquisas não apenas situam os fenômenos na cidade, mas procuram analisar, na trilha deixada por Simmel, as condições de sociabilidade nas metrópoles. A produção desta linha temática é numerosa e de grande amplitude (ver Duarte 1986, Gaspar 1985, Lins de Barros 1989, Vianna 1995, Kuschner 1998; cf. também Salem 1985 para uma crítica à literatura sobre famílias de classe média). Para violência na cidade, ver a produção de Alba Zaluar (por exemplo, 1985, 1993, 1994).

Roberto DaMatta (1980, 1987, 1993) também encontrou a via legítima para dar início a sua pesquisa sobre o carnaval no estruturalismo; a horizontalidade conferida a cada sociedade por essa abordagem teórica permitiu fazer, sem traumas, a ponte entre o estudo de sociedades indígenas e a sociedade nacional. Mais tarde, a pesquisa se ampliou para um exame abrangente do *ethos* nacional — tendo naturalmente como predecessor o trabalho monumental de Gilberto Freyre. Desde os anos 80 o autor privilegia temas nacionais, depois de haver participado dos dois grandes projetos indígenas que marcaram a década de 60 — tanto o Harvard-Central Brazil quanto os vinculados ao estudo da fricção interétnica. DaMatta (1973a) é o ponto de transição, reunindo uma análise canônica de um mito Apinajé, um conto de Edgar Allan Poe e o primeiro exame sobre o caráter de *communitas* do carnaval — que, mais tarde, seria expandido nos livros conhecidos da década de 80 (DaMatta 1981, 1984, 1985). Em DaMatta (1980), o autor redireciona seu diálogo intelectual, de Victor Turner para Louis Dumont, introduzindo a noção de hierarquia e desenvolvendo uma análise comparativa entre o carnaval no Brasil e nos Estados Unidos. DaMatta propõe que, em termos de valores, o Brasil se situa entre este último e a Índia.<sup>30</sup>

Noto que, nos casos acima, a propriedade e relevância de se desenvolver uma antropologia no meio urbano nunca foi seriamente questionada. Depois de uma rápida discussão sobre a natureza da pesquisa de campo em geral, que incluiu a disposição do etnólogo para sofrer de “anthropological blues” e o tema da familiaridade, tanto perto quanto distante de casa (DaMatta 1973b, 1981; G Velho 1978), a questão foi resolvida antes dos anos 80.<sup>31</sup>

No período que tem início nos anos 50, outros tópicos haviam emergido, primeiro relacionados à integração social de populações e, mais tarde, a direitos de minorias. Muitas vezes, esses tópicos combinavam sociologia e antropologia, reafirmando e dando validade histórica a autores como Candido (1958, 1976, 1995), que nunca aceitaram distinguir de forma radical as ciências sociais umas das outras. Festas urbanas e rurais foram tema de pesquisa desde o início das ciências sociais no Brasil (cf. o clássico Candido 1964), mas vêm adquirindo mais vitalidade recentemente, talvez na trilha dos estudos sobre carnaval. Para mencionar apenas alguns estudos,

---

<sup>30</sup> Portanto, DaMatta é, entre os antropólogos aqui mencionados, o de maior amplitude temática no “deslizamento de alteridades” proposto neste ensaio. Mas, já direcionado ao estudo da sociedade brasileira, DaMatta (1976:7) mostra seu desconforto ao apresentar ao público brasileiro a etnografia Apinayé. Por outro lado, DaMatta (1976), que trata da questão de “quanto custa ser índio no Brasil”, já antecipa temas da sua trajetória posterior.

<sup>31</sup> Este debate foi contemporâneo à discussão dos antropólogos indianos sobre o estudo “of one’s own society”. Este tema será retomado adiante.

para imigrantes ver Azevedo (1994), Cardoso (1995), Seyferth (1990); para relações raciais, ver Borges Pereira (1967), Fry (1991), Carvalho (1992a), Segato (1986); sobre gênero, ver Grossi & Pedro (1998), Bruschini & Sorj (1994), Gregori (1993), Suárez & Bandeira (1999); sobre religião, messianismo e cultos afro-brasileiros, ver R Ribeiro (1978), Maggie (1975, 1992), Montero (1985), Queiroz (1995), O Velho (1995), Sanchis (1983), Carvalho (1992b), Birman (1995);<sup>32</sup> sobre festividades populares, Magnani (1984), Zatz (1986), Chaves (1993), Cavalcanti (1994), Mello e Souza (1994); para ênfase no Brasil como estado-nação, ver Oliven 1992. Diretamente focalizados na política como um domínio social são os estudos reunidos em Palmeira (1995) e Palmeira & Goldman (1996); ver também Teixeira (1998), Barreira (1998), Bezerra (1999), Comerford (1999).

### *A alteridade mínima*

Como que confirmando que as ciências sociais no Brasil têm um profundo débito com Durkheim — que propôs que outras formas de civilização deveriam ser buscadas para explicar o que está próximo a nós — desde os anos 80 antropólogos deslancharam uma série de estudos sobre as ciências sociais no país, grande parte com o propósito mais amplo de compreender a ciência como manifestação de modernidade. Tópicos de estudo variam desde biografias de cientistas sociais brasileiros a clássicos da teoria sociológica; muitos desses trabalhos se desenvolvem tendo autores franceses como interlocutores privilegiados. Ver, por exemplo, Castro Faria (1993), para uma reflexão sobre a antropologia feita no Brasil, nos museus e nas universidades; Corrêa (1982, 1987), para uma historiografia da disciplina no país; Miceli (1989, 1995), para um projeto amplo e comparativo entre as ciências sociais; Goldman (1994), para estudo sobre Lévy-Bruhl; Grynspan (1994), para uma etnografia intelectual de Mosca e Pareto; Neiburg (1997), sobre a relação entre nacionalidade e antropologia na Argentina. Sobre as ciências sociais em São Paulo, ver Peixoto (1998) para carreira de Lévi-Strauss; Pontes (1998) para estudo sobre o grupo Clima. Melatti (1984) é uma exceção em termos de influência e de orientação; sem um objetivo interpretativo explícito, este estudo permanece como o relato bibliográfico mais completo da antropologia contemporânea no Brasil.

Um projeto amplo com o propósito de estudar diferentes estilos de antropologia foi inaugurado em Cardoso de Oliveira & Ruben (1995), com a proposta de focalizar experiências nacionais diversas. Concebido como um exame de antropologias “periféricas”, o rótulo é residual e destinado a disciplinas que não sejam centrais ou metropolitanas. Mantém-se, nesse contexto, a condição de a disciplina haver sido bem sucedida em determinado país, isto é, ter se adaptado sem perder sua cientificidade. Ver, por exemplo, Baines (1995) sobre a Austrália, Figoli (1995) sobre a Argentina, Ruben (1995) sobre o Canadá; ver também R Cardoso de Oliveira (1995), sobre a Catalunha e R Cardoso de Oliveira (1998, cap. 6) para discussão das bases da pesquisa.

No início dos anos 80, iniciei um projeto que tinha como objetivo examinar a disciplina de uma perspectiva antropológica. A partir da proposta de Dumont (1978), de que a antropologia se define por uma hierarquia de valores em que o universalismo

<sup>32</sup> Para esta temática, ver Montero (1999), neste volume.

engloba o holismo, questioneei o tipo de antropologia que se faz no Brasil tendo como casos de controle a França e a Alemanha (Peirano 1981). Este estudo teve prosseguimento com o exame do caso indiano — a sociedade hierárquica por excelência —, e resultou na proposta de uma “antropologia no plural” (Peirano 1992). A triangulação Brasil, Índia e Estados Unidos teve continuidade em Peirano (1991, 1998). Resultados dessa pesquisa centraram na discussão sobre a relação entre ciência social e ideologia de *nation-building* (onde quer que a antropologia se desenvolva) e, mais recentemente, nas estratégias teóricas geradas em contextos diversos (Peirano 1997, 1999).

O exame da relação entre ciência social e ideologia nacional foi refinada em Vilhena (1997) que, comparando folcloristas e sociólogos vis-à-vis a ideologia dominante nos anos de 1947-64 no Brasil, desvenda o lugar dos intelectuais ligados a valores regionais e a disputa dos folcloristas para sobreviver em um meio no qual a sociologia se tornava hegemônica. Realizado no contexto do Instituto Nacional do Folclore, soma-se a este trabalho Travassos (1997), que compara músicos e intelectuais no Brasil e na Hungria no início do século, focalizando os dilemas da modernização para Mário de Andrade e Béla Bartók. Ainda sobre cientistas e a questão racial no Brasil, ver Schwarcz (1996). A psicanálise tem se mostrado um campo de saber fértil para a antropologia no Brasil. Uma comparação e/ou apropriação deste campo vem sendo desenvolvida por uma linha de pesquisa sólida; ver Duarte (1989, 1990, 1996, 1997). Finalmente, uma série de reflexões sobre o ensino da antropologia no Brasil são encontradas em Bomeny et al 1991, Pessanha & Villas Boas 1995; ver também Viveiros de Castro 1995c, Duarte 1995, Montero 1995, Fry 1995b, Corrêa 1995, Sanchis 1995, Fonseca 1997, Niemeyer 1997, K Woortmann 1997.

Nos estudos em que a alteridade é mínima, isto é, está localizada no próprio trabalho intelectual dos cientistas sociais, nota-se um traço marcante: a maioria destes estudos examina temas abrangentes relacionados a tradições intelectuais ocidentais mas, publicados em português, têm uma audiência limitada. Surge, então, a questão crucial sobre o público desses trabalhos. Trabalhos abrangentes e exaustivos fazem sentido se não há audiência imediata? Ou, por que se dialoga com as fontes de *scholarship* se os debates externos estão afastados pela própria língua de enunciação? Retornamos, assim, aos Tupinambá de Florestan Fernandes, quando o rigor teórico serviu mais para legitimar o autor como cientista social do que para favorecer um efetivo diálogo com especialistas da área (Peirano 1992). Aqui, a velha questão permanece: o vínculo com o mundo intelectual mais amplo se dá apenas por efeito ilocucionário e a “alteridade mínima” esconde uma proposta, não realizada, de alteridade máxima, porque teórica.

### **Quando os interlocutores são múltiplos: o caso da Índia**

Se o exemplo brasileiro reforça a idéia de que categorias de alteridade são contextuais mesmo para os antropólogos, cabe retornar, via comparação, às vertentes consagradas da antropologia para indicar que elas também nunca foram inteiramente radicais: a África era (relativamente) *home* para os ingleses quando estes transferiram a noção de totalidade para os Tallensi, os Azande e os Ndembu, abdicando de uma sociologia em favor da antropologia próspera (Anderson 1968). Até então a disciplina

era privilégio das metrópoles. O reconhecimento social do estruturalismo na década de 60, contudo, trouxe este subproduto inesperado: se as práticas humanas são horizontais, era possível imaginar tanto “antropologias indígenas” (Fahim 1982) quanto reconhecer que “somos todos nativos” (Geertz 1983).

O consentimento e a aprovação dos centros, contudo, não implicou em prática mais substantiva, a despeito dos inúmeros congressos realizados desde então (por exemplo, Asad 1973, Diamond 1980, Fahim 1982).<sup>33</sup> O tema é controverso a ponto de recentemente Kuper (1994) criticar manifestações “nativistas” da antropologia a partir de duas posturas que ele condena no caso da Grécia: primeiro, a idéia de que só nativos detêm a compreensão sociológica; segundo, que são os nativos os juízes das etnografias e, se necessário, seus censores.<sup>34</sup> Kuper propõe como alternativa uma antropologia “cosmopolita”, definida pelo diálogo entre pares e excluindo estrangeiros curiosos, “*armchair voyeurs*”, e mesmo a comunidade nativa de especialistas (cientistas sociais, planejadores, intelectuais em geral). Para ele, a antropologia é uma ciência social aliada à sociologia e à história, que não deve estar vinculada a programas políticos.

Se o tom parece extemporâneo no Brasil, é que Kuper não antecipa cosmopolitismos fora dos centros — tornando-se, ele próprio, um exemplo de paróquialismo metropolitano. Ele esquece, por exemplo, o projeto multicentrado que os antropólogos indianos vêm propondo desde a década de 60 (Uberoi 1968, 1983; Madan 1994; Das 1995) e as longas discussões sobre o estudo “of one’s own society” (Srinivas 1955, 1966, 1979; Uberoi 1968; Béteille & Madan 1975; Madan 1982a,b; Das 1995). Bem antes das discussões sobre a etnografia pós-moderna, a Índia foi também exemplar como cena do renascimento único da revista *Contributions to Indian Sociology*, depois que Louis Dumont e David Pocock, seus fundadores, decidiram cessar a publicação da revista em seu décimo ano (ver Madan 1994). Os debates desenvolvidos em “For a Sociology of India”, título do primeiro artigo dos editores (Dumont & Pocock 1957) e, mais tarde, seção regular da revista já sediada na Índia, revelou que este era um espaço para discussões teóricas, acadêmicas, políticas e, inclusive, pedagógicas, envolvendo especialistas de várias origens e orientações. Se a ciência é melhor percebida no debate, então esse fórum de 40 anos tem uma história das mais interessantes para contar.<sup>35</sup>

Talvez porque estejam cientes de múltiplas audiências, além de casos de insensibilidade, antropólogos indianos — parte de uma sociedade que foi objeto de etnografias clássicas, mas que não abdica de voz própria —, explicitam há tempo seu lugar de enunciação: por exemplo, Madan (1982:266) menciona dois tipos de conexões triangulares: (a) a relação entre os pesquisadores *insiders*, os vindos de fora e o grupo estudado, e (b) a relação entre o pesquisador, o agente financiador e o grupo estudado. O primeiro diz respeito a questões éticas sobre a disponibilidade da popu

<sup>33</sup> Convidado para participar da conferência organizada por Fahim (1982), Luiz Mott expressou sua surpresa já que no Brasil o termo “indígena” é utilizado para denotar ameríndios. Mott também achou curioso o Brasil estar incluído entre os países “não-ocidentais” (Mott 1982).

<sup>34</sup> Antropologias *nativistas* seriam inspiradas em autores como Edward Said e nos discursos reflexivos pós-modernos (Kuper 1994).

<sup>35</sup> Ver Peirano 1992 para este debate; Latour 1989 tem excelente discussão sobre debates na ciência.

lação estudada; o segundo, sobre a servidão ideológica do pesquisador.<sup>36</sup> Mais recentemente, Das (1995) apontou para três tipos de diálogos: com (a) as tradições ocidentais de *scholarship* na disciplina; (b) com o cientista social indiano; e (c) com o nativo, cuja voz está presente tanto como informação obtida na pesquisa como nos textos escritos da tradição. Neste sentido, a antropologia na Índia avalia e refina, ao mesmo tempo, o discurso antropológico e o conhecimento sobre a sociedade do pesquisador.<sup>37</sup>

(Em contraste com o caso indiano, evitamos questionar quais seriam nossos interlocutores possíveis e desejáveis, fixando-nos em diálogos, na maior parte das vezes, virtuais.)

### Alteridade em contexto

A institucionalização das ciências sociais como parte do processo de *nation-building* é um fenômeno conhecido (E Becker 1971 para França e Estados Unidos; Peirano 1981, O Velho 1982 para Brasil; Saberwal 1982, para Índia), tanto quanto o paradoxo da existência de uma ciência social crítica sobrevivendo aos interesses das elites que a criaram. Nesses momentos, a nova ciência social não é especializada porque o projeto de construção nacional é ideologicamente mais abrangente que as disciplinas acadêmicas. Em outras palavras, a alteridade raramente é descompromissada e os aspectos “interessados”, no sentido weberiano, são muitas vezes explícitos. A antropologia e a sociologia separam-se, em um processo ao mesmo tempo político, institucional e conceitual, onde e quando se favorecem especializações — o que geralmente acontece quando o processo de construção nacional avança historicamente. É este quadro que abriga o diálogo triangular indicado anteriormente pelos sociólogos indianos: de um lado, com colegas antropólogos e sociólogos da mesma comunidade nacional; de outro, com as tradições metropolitanas de conhecimento (passadas e presentes) e, ainda, com os sujeitos da pesquisa.

No Brasil dos anos 30 a ciência social foi adotada para prover uma abordagem científica ao projeto de uma nova nação. Acreditava-se então que, no devido tempo, a ciência social iria substituir o ensaio sócio-literário que havia ocupado aqui, “mais que a filosofia ou as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito” (Candido 1976:156). Assim, dos anos 30 aos 50, por sociologia se entendia o leque das ciências sociais que hoje concebemos como independentes, mas gestava-se uma sociologia *feita-no-Brasil* — que na verdade tornou-se hegemônica durante as décadas seguintes. Enquanto isso, os estudos etnológicos de grupos índi

<sup>36</sup> Madan chama atenção para o caráter marginal do antropólogo *insider* e sua ambivalência entre os desafios de construção teórica e a tarefa de crítica social; no caso do antropólogo *outsider*, sugere que suas preocupações podem parecer inusitadas, desnecessárias e até perniciosas aos *insiders*.

<sup>37</sup> Relembro que antropólogos *outsiders* que pesquisaram a Índia também se engajaram em debates com especialistas *insiders*, alguns deles tendo influenciado ambos os lados. Bons exemplos são o debate entre Dumont e Srinivas, as reações de Dumont ao filósofo indiano Saran (cf. Srinivas 1955, 1966; Dumont 1970, 1980; Saran 1962), assim como o desacordo dos historiadores da “Subaltern School” (Guha & Spivak 1988) com Dumont e a recepção desses historiadores na Europa e alhures.



genas representavam o modelo canônico para a antropologia, mas logo esta passa a se apropriar de temas considerados sociológicos — só que agora sob o olhar da *diferença*, social e/ou cultural. De qualquer forma, sociológicos ou antropológicos, os temas empíricos eram encontrados dentro das fronteiras nacionais; se a dimensão política da ciência social estava presente, também era inquestionável o desafio de refinamento teórico (ver Fernandes 1958).<sup>38</sup>

A ciência social feita no Brasil nunca fez parte integrante do circuito dos centros reconhecidos de produção intelectual, e os sociólogos indianos nos indicam que a língua portuguesa não é o único motivo de exclusão.<sup>39</sup> Nesse contexto, curiosamente, consideramo-nos interlocutores legítimos de autores reconhecidos da tradição ocidental, em um processo no qual o isolamento do português tem afinidade com o papel reservado ao cientista social no país, direcionado às questões políticas nacionais. Estamos sempre, mais ou menos confortavelmente, em casa. Assim se justificam, de um lado, os limites estratégicos que, como vimos, informam a escolha da alteridade; de outro, o fato paradoxal de que, quando procuramos diferenças, muitas vezes acabamos por encontrar uma suposta singularidade (que é “brasileira”).<sup>40</sup> É preciso reconhecer, no entanto, o aspecto sociológico positivo: este processo complexo de lealdades intelectuais e políticas, o labirinto de caminhos dentro do universo possível, assim como o quadro variado de interlocutores (presentes e ausentes), ao longo do tempo contribuíram para a consolidação de uma comunidade acadêmica efetiva. Com esta nota positiva, encerro procurando resumir alguns pontos:

*Em termos de exotismo.* A diferença, quer social ou cultural, mais que o exotismo, chama a atenção dos antropólogos quando estes procuram a alteridade no Brasil. Essa característica talvez explique porque, em crise em lugares onde o exotismo marcou a antropologia, aqui os praticantes da disciplina partilham um horizonte otimista;

*Em termos políticos.* Presente sempre que uma ciência social se desenvolve, a dimensão política é aqui direcionada para um tipo específico de ideário de construção nacional, no qual diferenças devem ser respeitadas e uma singularidade nacional esclarecida (ver Candido 1958, Peirano 1981, Bomeny et al 1991, Schwartzman 1991, H Becker 1992, Reis 1996, 1998);

*Em termos teóricos.* Parte do ocidente, mas não falando uma língua internacional, a dimensão teórica assume um papel crítico como o caminho nobre para a modernidade. Mas, no Brasil, a dimensão política da teoria é um aspecto familiar e, nesse contexto, com frequência objetos de estudo decorrem de escolhas que são, na verdade, teórico/políticas. Assim, abre-se espaço para opções variadas. Primeiro, para o puro mimetismo: trata-se, aqui, de um arremedo de participação em um mundo homogêneo que não existe e, não raro, da absorção de modelos estrangeiros imediatos

---

<sup>38</sup> De forma diversa a Kuper, que propõe o alheamento das questões políticas, Fischer (1988) sugere que os antropólogos norte-americanos não desempenham o mesmo papel que os antropólogos brasileiros como intelectuais públicos não por falta de engajamento, mas devido à perda de uma bifocalidade, “able to be trained simultaneously at *home* and *abroad* on American culture as it transforms (and is transformed) by global society” (1988:13).

<sup>39</sup> Ver o excelente depoimento de Schwartzman (1985) sobre a vida intelectual na periferia.

<sup>40</sup> Ver DaMatta 1984; Fry 1995a, para diferentes enunciações.

como o caminho mais curto para o mundo moderno.<sup>41</sup> Segundo, é possível vislumbrar uma variação da opção anterior: trata-se de uma prática onde os dados são nossos e a teoria é sempre importada. (Quem não assistiu à apresentação de trabalho onde o padrão segue a seqüência ritual na qual o tema se ilumina de forma espontânea pela simples invocação do autor em voga, que também ratifica a interpretação?) Em outras palavras, abre-se mão da interlocução entre dados e teoria e faz-se dos primeiros, os dados, mera ilustração da segunda — a teoria. Há uma terceira opção, mais rentável: ela surge quando procuramos expandir, redirecionar e ampliar questões anteriores, criando assim novos dados, novas realidades e propondo novos problemas. Neste caso, a ciência social (e a antropologia como parte dela) passa a se definir como eterna construção e superação de si mesma, o novo se construindo sobre os ombros de antecessores.

Mas tal projeto não é simples. Ele depende tanto do domínio seguro das teorias clássicas e contemporâneas quanto da etnografia acurada e impecável. Se é correto pensar que uma “cultura mundial dos tempos” precisa de constantes empréstimos, tanto na direção das metrópoles para as periferias ideológicas quanto no sentido oposto, a promessa aqui implícita é a de um diálogo teórico e empírico que ultrapasse barreiras nacionais — trata-se de desenvolver “universalismos plurais” que situem, inclusive, os universalismos metropolitanos e, ao mesmo tempo, reflitam a contingência de vivermos no Brasil.

### *Agradecimentos*

Este ensaio foi escrito como resultado do Projeto “As Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas (1970-95)”, proposto pela ANPOCS e dirigido por Sérgio Miceli no biênio 1998-9. Sou grata a Eduardo Viveiros de Castro pelo “companheirismo virtual” durante o tempo em que escrevemos nossas respectivas contribuições; a Wilson Trajano Filho, pelas perguntas difíceis; a Julio Cezar Melatti, pelas correções gramaticais. A responsabilidade pelos pontos de vista, pelas citações, simplificações e pelas traições da memória, não seria necessário repetir, é somente minha. Este ensaio é dedicado ao Melatti, que primeiro me ensinou a ortodoxia.

---

<sup>41</sup> Ver o ensaio sobre literatura e subdesenvolvimento em *Candido* (1987). Para Costa Pinto, trata-se daquele tipo de “deslumbramento alvar diante de fórmulas e conceitos importados, que parec[em] corretos pela única condição de serem estrangeiros” (1955:24).

## Bibliografia

Almeida, Miguel Vale

1996 - Marialvismo: a moral discourse in the Portuguese transition to modernity. *Série Antropologia* 184. Brasília: UnB

Amorim, Paulo M.

1970/1 - Índios camponeses: Os Potiguara da Baía da Traição. *Revista do Museu Paulista* 19: 7-96

Anderson, Perry

1968 - The components of a national culture. *New Left Review* 50: 3-57

Aquino, Terri Vale

1977 - *Kaxinawá: de seringueiro “caboclo” a peão “acreano”*. Diss. de mestrado, UnB

Arruti, José Maurício

1996 - *O reencantamento do mundo. Trama histórica e arranjos territoriais Pankararu*. Diss. de mestrado, MN/UFRJ

Asad, Talal, org.

1973 - *Anthropology & the Colonial Encounter*. London: Ithaca

Azevedo, Tales

1994 - *Os Italianos no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Editora Univ. Caxias do Sul

Baines, Stephen

1991 - *É a Funai Que Sabe*. Belém: Museu Emílio Goeldi

1995 - Impressões sobre a etnologia indígena na Austrália. In Cardoso de Oliveira & Ruben (orgs.), pp. 65-120

Baldus, Herbert

1939 - A necessidade do trabalho indianista no Brasil. *Revista do Arquivo Municipal* 5(57): 139-50

1954 - *Bibliografia Comentada da Etnologia Brasileira*. RJ: Souza

1970 - *Tapirapé: Tribo Tupi no Brasil Central*. SP: Cia. Editora Nacional

Barreira, Irllys

1998 - *Chuva de Papéis. Ritos e Símbolos de Campanhas Eleitorais no Brasil*. RJ: Relume Dumará

- Barretto Filho, Henyo  
1997 - Da nação ao planeta através da natureza. *Série Antropologia* 222. Brasília: UnB
- Barros, Edir P.  
1977 - *Kura Bakairi/Kura Karaiwa: Dois mundos em confronto*. Diss. de mestrado, UnB
- Bastos, Cristiana  
1996 - Antropologia da desordem global: notas de uma disciplina em reconfiguração. *Anuário Antropológico/95*: 151-60
- Becker, Ernest  
1971 - *The Lost Science of Man*. NY: George Braziller
- Becker, Howard  
1992 - Social theory in Brazil. *Sociological Theory* 10: 1-5
- Béteille, A & T.N. Madan, orgs.  
1975 - *Encounter and Experience: Personal Accounts of Fieldwork*. Delhi: Vikas
- Bezerra, Marcos Otávio  
1999 - *Em Nome das Bases. Política, Favor e Dependência Pessoal*. RJ: Relume Dumará
- Bianco, Bela Feldman  
1992 - Saudade, imigração e a construção de uma nação desterritorializada. *Rev. Bras. de Estudos de População* 9(1): 35-49  
1993 - Múltiplas camadas de tempo e espaço: entre imigrantes portugueses. *Rev. Crítica de Ciências Sociais* 38: 193-224
- Birman, Patrícia  
1995 - *Fazer Estilo Criando Gêneros*. RJ: Relume Dumará
- Bomeny, Helena; Birman, P. & A.L. Paixão, orgs.  
1991 - *As Assim Chamadas Ciências Sociais*. RJ: Relume Dumará
- Borges Pereira, João Batista  
1967 - *Cor, Profissão e Mobilidade: o Negro e o Rádio de São Paulo*. SP: Pioneira
- Bruschini, M. & B. Sorj, orgs.  
1994 - *Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil*. SP: Fund. Carlos Chagas/Marco Zero
- Cabral, João Pina  
1996 - A difusão do limiar: margens, hegemonias e contradições na antropologia. *Mana* 2(1): 25-58

Candido [Mello e Souza], Antonio

1958 - Informação sobre sociologia em São Paulo. In *Ensaio Paulistas*: 510-21. SP: Anhambi

1964 - *Os Parceiros do Rio Bonito*. RJ: José Olympio

1976 - *Literatura e Sociedade*. SP: Cia. Editora Nacional

1987 - Literatura e subdesenvolvimento. In *A Educação pela Noite*, pp. 140-62. SP: Ática

1995 - *On Literature and Society*. Princeton: Princeton Univ. Press

Cardoso, Ruth

1995 - *Estrutura Familiar e Mobilidade Social: Estudo dos Japoneses no Estado de São Paulo*. SP: Primus

Cardoso de Oliveira, Luís R.

1989 - *Fairness and communication in small claims courts*. Tese de doutorado. Harvard University

1996 - Entre o justo e o solidário: os dilemas dos direitos de cidadania no Brasil e nos EUA. *Rev. Bras. de Ciências Sociais* 31: 67-81.

Cardoso de Oliveira, Roberto

1963 - Aculturação e “fricção” interétnica. *América Latina* 6: 33-45

1978 - *A Sociologia do Brasil Indígena*. RJ: Tempo Brasileiro

1995 - Identidade catalã e ideologia étnica. *Mana* 1(1): 9-47

1998 - *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15

Cardoso de Oliveira, R. & Guillermo Ruben, orgs.

1995 - *Estilos de Antropologia*. Campinas: Unicamp

Carneiro da Cunha, Manuela

1978 - *Os Mortos e os Outros. Análise do Sistema Funerário e da Noção de Pessoa entre os Krahó*. SP: Hucitec

1993 - *O Futuro da Questão Indígena*. SP: USP

Carneiro da Cunha, M., org.

1992 - *História dos Índios no Brasil*. SP: Cia. das Letras

Carvalho, José Jorge

1992a - *Shango Cult in Recife, Brazil*. Caracas: Fundef

1992b - Estética da opacidade e da transparência. Mito, música e ritual no culto de Xangô e na tradição erudita ocidental. *Anuário Antropológico/89*: 83-116

Castro Faria, Luiz

1993 - *Antropologia. Espetáculo e Excelência*. RJ: UFRJ/ Tempo Brasileiro

- Cavalcanti, Maria Laura  
1994 - *Carnaval Carioca: dos Bastidores ao Desfile*. RJ: Editora da UFRJ/MinC/Funarte
- Chaves, Christine A.  
1993 - *Buritis: festas, política e modernidade no sertão*. Diss. de mestrado, UnB
- Comerford, John  
1999 - *Fazendo a Luta: Sociabilidade, Falas e Rituais na Construção de Organizações Camponesas*. RJ: Relume Dumará (no prelo)
- Copet-Rougier, E. & F. Héritier-Augé  
1993 - Commentaires sur commentaire. Réponse à E. Viveiros de Castro. *L'Homme* 33: 139-48
- Corrêa, Mariza  
1982 - *As ilusões da liberdade. A escola de Nina Rodrigues*. Tese de doutorado, USP  
1995 - Damas & cavalheiros de fina estampa, dragões & dinossauros, heróis & vilões. In *O Ensino da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABA
- Corrêa, M., org.  
1987 - *História da Antropologia no Brasil. Testemunhos: Emilio Willems e Donald Pierson*. Campinas: Editora da Unicamp
- Costa Pinto, Luiz A. & E. Carneiro  
1955 - *As Ciências Sociais no Brasil*. RJ: Capes
- DaMatta, Roberto  
1970 - *Apinayé social structure*. Tese de doutorado, Harvard University  
1973a - *Ensaio de Antropologia Estrutural*. Petrópolis: Vozes  
1973b - O ofício de etnólogo ou como ter “anthropological blues”. *Comunicações do PPGAS 1*. RJ: MN/UFRJ  
1976 - Quanto custa ser índio no Brasil? *Dados* 13: 33-54  
1976 - *Um Mundo Dividido: a Estrutura Social dos Índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes  
1980 - *Carnavais, Malandros e Heróis*. Rio de Janeiro: Zahar  
1981 - *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes  
1984 - *O Que Faz o Brasil, Brasil?* RJ: Guanabara  
1985 - *A Casa e a Rua*. Rio: Editora Brasiliense  
1993 - *Conta de Mentiroso: Sete Ensaio de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco
- Das, Veena  
1995 - *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Delhi: Oxford Univ. Press

Diamond, S., org.

1980 - *Anthropology: Ancestors and Heirs*. Paris: Mouton

Duarte, Luiz F. Dias

1986 - *Da Vida Nervosa (nas Classes Trabalhadoras Urbanas)*. RJ: J Zahar/CNPq

1989 - Freud e a imaginação sociológica moderna. In J. Birman (org.) *Freud — 50 Anos Depois*. RJ: Relume Dumará

1990 - A representação do *nervoso* na cultura literária e sociológica do século XIX e começo do século XX. *Anuário Antropológico/87*: 93-116

1995 - Formação e ensino na antropologia social: os dilemas da universalização romântica. In *O Ensino da Antropologia*. RJ: ABA

1996 - Distanciamento, reflexividade e interiorização da pessoa no ocidente. *Mana* 2(2): 163-76

1997 - *Dois regimes históricos das relações da antropologia com a psicanálise no Brasil*. Apresentado no Seminário Ciências Sociais, Estado e Sociedade. RJ: MN/UFRJ

Dumont, Louis

1970 - *Religion, Politics and History in India*. Paris: Mouton

1978 - La communauté anthropologique et l'ideologie. *L'Homme* 18: 83-110

1980 - *Homo Hierarchicus: The Caste System and Its Implications*. Chicago: Univ. Chicago Press

1994 - *German Ideology. From France to Germany and Back*, pp. 3-16. Chicago: Univ. Chicago Press

Dumont, Louis & D. Pocock.

1957 - For a sociology of India. *Contributions to Indian Sociology* 1: 7-22

Durkheim, E.

1996 - *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. SP: Martins Fontes

Eckert, Cornelia

1991 - *Une ville autrefois minière: la grand-combe. Étude d'anthropologie sociale*. Tese de doutorado, Paris V

Evans-Pritchard, E.E.

1951 - *Social Anthropology*. Londres: Cohen & West

Fahim, H., org.

1982 - *Indigenous Anthropology in Non-Western Countries*. Durham, NC: Carolina Academic Press

Fausto, Carlos

1997 - *A dialética da predação e familiarização entre os Parakanã da Amazônia oriental*. Tese de doutorado, MN/UFRJ

Fernandes, Florestan

- 1958 - O padrão de trabalho científico dos sociólogos brasileiros. *Estudos Sociais e Políticos* 3. BH: UFMG
- 1961 - A unidade das ciências sociais e a antropologia. *Anhembi* 44(132): 453-70
- 1963 - *A Organização Social dos Tupinambá*. SP: Difusão Européia do Livro
- 1970 - *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. SP: Pioneira
- 1972 - *O Negro no Mundo dos Brancos*. SP: Difusão Européia do Livro
- 1975 - *A Investigação Etnológica no Brasil e Outros Ensaio*. Petrópolis: Vozes
- 1977 - *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis: Vozes

Figoli, Leonardo

- 1995 - A antropologia na Argentina e a construção da nação. Ver Cardoso de Oliveira & Ruben (orgs.), pp. 31-64

Fischer, Michael M.J.

- 1988 - Scientific theory and critical hermeneutics. *Cultural Anthropology* 3(1): 3-15

Fonseca, Claudia

- 1986 - Clochards et dames de charité: une étude de cas parisien. *Ethnologie Française* 16(4): 391-400
- 1997 - Totens e xamãs na pós-graduação. *Anuário Antropológico/96*: 33-48

Fry, Peter

- 1991 - Politicamente correto em um lugar, incorreto em outro. *Estudos Afro-Asiáticos* 21: 167-77
- 1995a - Why is Brazil different? *Times Literary Supplement*, December 8, n. 4836: 6-7
- 1995b - Formação ou educação: os dilemas dos antropólogos perante a grade curricular. In *O Ensino da Antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: ABA
- 1998 - *Cultures of difference: colonial legacies in Zimbabwe and Mozambique*. Palestras proferidas na Universidade de Cambridge em 30/11 e 4/12

Gaspar, Maria Dulce

- 1985 - *Garotas de Programa: Prostituição em Copacabana e Identidade Social*. RJ: J Zahar

Geertz, Clifford

- 1983 - *Local Knowledge: Further Essays in Interpretive Anthropology*. NY: Basic Books

Gerholm, T. & U. Hannerz U

- 1982 - Introduction: The shaping of national anthropologies. *Ethnos* 42: 5-35

Goldman, Marcio

- 1994 - *Razão e Diferença: Afetividade, Racionalidade e Relativismo no Pensamento de Lévy-Bruhl*. RJ: Grypho



Gonçalves, Marco Antonio

1993 - *O Significado do Nome: Cosmologia e Nomenclatura entre os Piraha*. RJ: Sette Letras

Gregori, M.F.

1993 - *Cenas e Queixas: Mulheres, Relações Violentas e Prática Feminista*. RJ: Paz e Terra/ANPOCS

Grossi, Miriam & J.M. Pedro (orgs.)

1990 - *Masculino, Feminino, Plural: Gênero na Interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres

Gruber, J., org.

1997 - *O Livro das Árvores*. Benjamin Constant: Organização Geral dos Professores Ticuna Bilingües

Grynspan, Mario

1994 - *As elites da teoria*. Tese de doutorado, MN/UFRJ

Guha, R. & G. Spivak, orgs.

1988 - *Selected Subaltern Studies*. Oxford: Oxford Univer. Press

Kant de Lima, Roberto

1985 - *A Antropologia da Academia: Quando os Índios Somos Nós*. Petrópolis, Niterói: Vozes/UFF

1991 - Ordem pública e pública desordem: modelos processuais de controle social em uma perspectiva comparada. *Anuário Antropológico/88*: 21-44

1995 - *A Polícia da Cidade do Rio de Janeiro*. RJ: Forense

Kuper, Adam

1994 - Culture, identity and the project of a cosmopolitan anthropology. *Man* (NS) 29: 537-54

Kuschnir, Karina

1998 - *Política e sociabilidade. Um estudo de antropologia social*. Tese de doutorado, MN/UFRJ

Laraia, Roque de Barros

1964 - Resenha de *A Organização Social dos Tupinambá*, de Florestan Fernandes. *América Latina* 7(3): 124-5

1986 - *Tupi: Índios do Brasil Atual*. SP: FFLCH/USP

1993 - *Los Indios de Brasil*. Madri: Mapfre

Laraia, R. & R. DaMatta

1967 - *Índios e Castanheiros*. SP: Difusão Européia do Livro

Latour, Bruno

1989 - Pasteur et Pouchet: hétérogenèse de l'histoire des sciences. In *Éléments d'Histoire des Sciences*, org. M Serres, pp. 423-45. Paris: Bordas

Leite Lopes, José Sérgio

1976 - *O Vapor do Diabo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra

Lepenies, Wolf

1977 - Problems of a historical study of science. In Mendelsohn E, Weingart P & Whitley, orgs. *The Social Production of Scientific Knowledge* 1:55-67

Lévi-Strauss, Claude

1952 - Les structures sociales dans le Brésil central et oriental. In *Indian Tribes of Aboriginal America*, org. S Tax, pp. 302-310. Chicago

1956 - Les organisations dualistes, existent-elles? *Bijdragen Tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 112:99-128

1960 - On manipulated sociological modes. *Bijdragen Tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 116:45-54

1961 - La crise moderne de l'anthropologie. *Le Courier*, UNESCO, XIV(11): 12-17. (Traduzido e publicado em português na *Revista de Antropologia* 10(1-2): 19-26)

Lima, Tania S.

1995 - *A parte do cauim. Etnografia Juruna*. Tese de doutorado, MN/UFRJ

Lins de Barros, Miriam

1989 - *Autoridade e Afeto: Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira*. RJ: J Zahar

Lopes da Silva, Aracy

1986 - *Nomes e Amigos: da Prática Xavante a uma Reflexão sobre os Jê*. SP: FFLCH/USP

Madan, T.N.

1982 - Indigenous anthropology in non-western countries: an overview. In Fahim 1982, pp. 263-68

1994 - *Pathways: Approaches to the Study of Society in India*. Delhi: Oxford Univ. Press

Magalhães, A. C.

1994 - *Os Parakanã: espaços de socialização e suas articulações simbólicas*. Tese de doutorado, USP

Maggie, Yvonne

1975 - *Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito*. RJ: Zahar

1992 - *Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil*. RJ: Arquivo Nacional

Magnani, J.G.

1984 - *Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade*. SP: Braziliense

Maybury-Lewis, David

1960 - The analysis of dual organisation: a methodological critique. *Bijdragen Tot de Taal-, Land- en Volkenkunde* 116:17-44

1967 - *Akwë-Shavante Society*. Oxford: Oxford Univ. Press

1997 - *Indigenous Peoples, Ethnic Groups, and the State*. Boston: Allyn & Bacon

Maybury-Lewis, D., org.

1979 - *Dialectical Societies: the Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press

Melatti, Julio Cezar

1967 - *Índios e Criadores: Situação dos Krahó na Área Pastoril do Tocantins*. RJ: Inst. Ciências Sociais

1970a - *O Sistema Social Krahó*. Tese de doutorado, USP

1970b - *Índios do Brasil*. Brasília: Coordenada/INL

1978 - *Ritos de uma Tribo Timbira*. SP: Ática

1984 - A antropologia no Brasil: um roteiro. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais - BIB* 17:3-52

1999 - *Índios da América do Sul: Áreas Etnográficas*. Ms.

Mello e Souza, Marina

1994 - *Parati: A Cidade e as Festas*. RJ: UFRJ/Tempo Brasileiro

Menezes Bastos, Rafael

1993 - Esboço de uma teoria da música. *Anuário Antropológico/93*: 9-73

1995 - Indagação sobre os Kamayurá, o alto-Xingu e outros nomes e coisas: uma etnologia da sociedade xinguará. *Anuário Antropológico/94*: 227-69

Miceli, S., org.

1989 - *História das Ciências Sociais no Brasil* (vol. 1). SP: Vértice

1995 - *História das Ciências Sociais no Brasil* (vol. 2). SP: Sumaré

Montero, Paula

1985 - *Da Doença à Desordem. A Magia na Umbanda*. RJ: Graal

1995 - Tendências da pesquisa antropológica no Brasil. In *O Ensino da Antropologia*. RJ: ABA

Mott, Luiz

1982 - Indigenous anthropology and Brazilian Indians. Ver Fahim 1982, pp. 112-17

Moura, Margarida M.

1978 - *Os Herdeiros da Terra*. SP: Hucitec

Muller, Regina

1990 - *Os Assurini do Xingu: História e Arte*. Campinas: Unicamp

Neiburg, Federico

1997 - *Os Intelectuais e a Invenção do Peronismo*. São Paulo: Edusp

Niemeyer, Ana Maria

1997 - Sociedades tribais, urbanas e camponesas, uma proximidade desejável.  
*Anuário Antropológico/96*: 49-66

Nimuendaju, Curt

1946 - *The Eastern Timbira*. Berkeley: Univ. Calif. Press

Nogueira, Oracy

1986 - *Tanto Preto Quanto Branco. Ensaios de Relações Raciais*. SP: T.A. Queiroz

Oliveira Filho, João Pacheco

1977 - *As facções e a ordem política em uma reserva Tukuna*. Diss. de mestrado,  
UnB

1988 - *O Nosso Governo: Os Ticuna e o Regime Tutelar*. SP: MCT/CNPq/Marco  
Zero

1998 - Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e  
fluxos culturais. *Mana* 4(1): 47-78

Oliveira Filho J.P., org.

1987 - *Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil*. RJ: Marco Zero/UFRJ

1989 - *Os Poderes e as Terras dos Índios*. Comunicações do PPGAS 14. RJ: Museu  
Nacional/UFRJ

1990 - *Projeto Calha Norte: Militares, Índios e Fronteiras*. RJ: Editora da UFRJ

Oliven, Ruben

1992 - *A Parte e o Todo: a Diversidade Cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes

Palmeira, Moacir G.S.

1977 - Emprego e mudança sócio-econômica no nordeste. *Anuário Antropológico/76*:  
201-38

Palmeira, M., org.

1995 - *Política e Relações Pessoais. Comunicações do PPGAS 5*. RJ: Museu  
Nacional/UFRJ

Palmeira, M. & M. Goldman, orgs.

1996 - *Antropologia, Voto e Representação*. RJ: Contracapa

Peirano, Mariza G.S.

- 1981 - *An anthropology of anthropology. The Brazilian case*. Tese de doutorado, Harvard University
- 1991 - For a sociology of India: some comments from Brazil. *Contributions to Indian Sociology* 25(2): 321-7
- 1992 - *Uma Antropologia no Plural. Três Experiências Contemporâneas*. Brasília: Editora da UnB
- 1995 - *A Favor da Etnografia*. RJ: Relume Dumará
- 1997 - Onde está a antropologia? *Mana* 3(2): 67-102
- 1998 - When anthropology is at home. The different contexts of a single discipline. *Annual Review of Anthropology* 27: 105-28
- 1999 - The pursuit of anthropology. *Indian Social Science Review* 1(1)

Peixoto, Fernanda

- 1998 - Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. *Mana* 4(1): 79-107

Pontes, Heloísa

- 1998 - *Destinos Mistos. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo, 1940-68*. SP: Cia das Letras

Pessanha, E. & G. Villas Boas, orgs.

- 1995 - *Ciências Sociais. Ensino e Pesquisa na Graduação*. RJ: JC Editora

Queiroz, Renato

- 1995 - *O Caminho do Paraíso: O Surto Messiânico-Milenarista do Catulé*. SP: FFLCH/USP/CER

Ramos, Alcida Rita

- 1972 - *The social system of the Sanumá of Northern Brazil*. Tese de doutorado, Univ. Wisconsin
- 1978 - Tecnonímia e conceitualização social entre os índios Sanumá. *Anuário Antropológico*/77: 148-67
- 1979 - Rumor: the ideology of an inter-tribal situation. *Antropologica* 51:3-25
- 1990 - *Memória Sanumá. Espaço e Tempo em uma Sociedade Yanomami*. SP: Marco Zero/Ed. UnB
- 1995 - *Sanumá Memories: Yanomami Ethnography in Times of Crisis*. Madison: Univ. of Wisconsin Press
- 1998 - *Indigenism: Ethnic Politics in Brazil*. Madison: Univ. of Wisconsin Press

Reis, Elisa P.

- 1996 - Making sense of history: political sociology in Brazil. *Current Sociology* 44: 81-105
- 1998 - *Processos e Escolhas. Estudos de Sociologia Política*. RJ: Contra Capa

Ribeiro, Darcy

- 1957 - Culturas e línguas indígenas do Brasil. *Educação e Ciências Sociais* 2: 5-100
- 1962 - *A Política Indigenista Brasileira*. RJ: Min. da Agricultura

Ribeiro, D. & B. Ribeiro

1957 - *Arte Plumária dos Índios Kaapor*. RJ: Seikel

Ribeiro, Fernando Rosa

1994 - A construção da nação na África do Sul. *Série Estudos Ciências Sociais* 3. Núcleo da Cor/IFCS

Ribeiro, Gustavo Lins

1991 - *Empresas Transnacionais: Um Grande Projeto por Dentro*. SP: Marco Zero/Anpocs

1996 - *Brazilians are hot, Americans are cold. A non-structuralist approach to San Francisco's carnival*. Paper apresentado no Encontro da American Anthropological Association, San Francisco

Ribeiro, René

1978 - *Cultos Afro-Brasileiros do Recife*. Recife: MEC/Instituto Joaquim Nabuco

Ruben, Guillermo R.

1995 - O “tio materno” e a antropologia quebequense. Ver Cardoso de Oliveira & Ruben (orgs.), pp. 121-138

Saberwal, Satish

1982 - Uncertain transplants: anthropology and sociology in India. *Ethnos* 42(1-2): 36-49

Salem, Tania

1985 - Família em camadas médias: uma revisão da literatura. *Bol. do Museu Nacional* (NS) 54

Sanchis, Pierre

1983 - *Arraial, Festa de um Povo: As Romarias Portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote

1995 - Uma leitura sobre “O Ensino da Antropologia em Questão”. In *O Ensino da Antropologia*. RJ: ABA

Santos, Silvio C.

1982 - *O Índio Perante o Direito*. Florianópolis: Editora da UFSC

1989 - *Os Povos Indígenas e a Constituinte*. Florianópolis: Editora da UFSC

Saran, A.K.

1962 - Review of Contributions to Indian Sociology n. IV. *The Eastern Anthropologist* 15: 53-68

Schaden, Egon

1954a - *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Difusão Européia do Livro

1954b - O estudo do índio brasileiro ontem e hoje. *América Indígena* 14(3): 233-52

1955a - Karl von den Steinen e a etnologia brasileira. *Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas*: 1153-63

1955b - As culturas indígenas e a civilização. *Anais do 1º Congresso Brasileiro de Sociologia*: 189-200

Schwarcz, Lilia

1996 - *O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil*. SP: Cia. das Letras

Schwartzman, Simon

1991 - *A Space for Science: The Development of the Scientific Community in Brazil*. University Park, PA: Pennsylvania State Univ. Press

1985 - Intellectual life in the periphery: a personal tale. Apresentado no Congresso Mundial de Sociologia, Nova Delhi

Scott, Russel Parry

1992 - O dia do pagamento e o fim de semana: o salário e a transformação dos rituais anuais de conflito na plantation. *Anuário Antropológico/89*: 117-30

Seeger, Anthony

1980 - *Os Índios e Nós. Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras*. RJ: Campus

1981 - *Nature and Society in Central Brazil*. Cambridge, MA: Harvard Univ. Press

Segato, Rita

1986 - Inventando a natureza: família, sexo e gênero no Xangô do Recife. *Anuário Antropológico/85*: 11-54

Sevcenko, Nicolau

1983 - *A Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. SP: Brasiliense

Seyferth, Giralda

1985 - Herança e Estrutura Familiar Camponesa. *Bol. do Museu Nacional* 52

1990 - *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB

Sigaud, Lygia

1980 - A Nação dos homens. *Anuário Antropológico/78*: 13-114

Souza Lima, Antonio Carlos

1995 - *Um Grande Cerco de Paz*. Petrópolis: Vozes

Srinivas, M.N.

1952 - *Religion and Society Among the Coorgs of South India*. Oxford: Clarendon

1955 - Village studies and their significance. *The Eastern Anthropologist* 8: 215-58

1966 - Some thoughts on the study of one's own society. In *Social Change in Modern India*, pp. 147-63. New Delhi: Allied

- Srinivas, M.N., org.  
1979 - *The Fieldworker and the Field*. Oxford: Oxford Univ. Press
- Suárez, Mireya & L. Bandeira, orgs.  
1999 - *Violência, Gênero e Crime no Distrito Federal*. Brasília: Editora da UnB/Paralelo 15
- Teixeira, Carla Costa  
1998 - *A Honra da Política. Decoro Parlamentar e Cassação de Mandato no Congresso Nacional 1949-1994*. RJ: Relume Dumará
- Teixeira Pinto, Marnio  
1993 - Relações de substância e classificação social: alguns aspectos da organização social arara. *Anuário Antropológico/90*: 169-204  
1997 - *Ieipari: Sacrifício e Vida Social entre os Índios Arara (Caribe)*. SP: Hucitec/Anpocs
- Thomas, Nicholas  
1991 - Against ethnography. *Cultural Anthropology* 6(3): 306-21
- Trajano Filho, Wilson  
1993a - O auto do carnaval em São Tomé e Príncipe. *Anuário Antropológico/91*: 189-220.  
1993b - A tensão entre a escrita e a oralidade na Guiné-Bissau. *Soronda (Revista de Estudos Guineenses)* 16: 73-102.  
1998 - *Polymorphic creolehood: the "creole society" of Guinea-Bissau*. Tese de doutorado, Univ. of Pennsylvania
- Travassos, Elizabeth  
1997 - *Os Mandarins Milagrosos. Arte e Etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. RJ: J Zahar
- Turner, T.  
1991 - Representing, resisting, rethinking: historical transformation of Kayapó culture. In *Colonial Situations*, org. G. Stocking Jr. Madison: The Univ. of Wisconsin Press
- Uberoi, J.P.S.  
1968 - Science and swaraj. *Contributions to Indian Sociology* 2: 119-28  
1983 - *The Other Mind of Europe: Goethe as Scientist*. Delhi: Oxford Univ. Press
- Velho, Gilberto  
1972 - *A Utopia Urbana: Um Estudo de Antropologia Social*. RJ: J Zahar  
1975 - *Nobres e anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. Tese de doutorado, USP  
1978 - Observando o familiar. In *A Aventura Sociológica*, org. E Nunes, pp. 36-46. RJ: Zahar  
1981 - *Individualismo e Cultura*. RJ: Zahar  
1986 - *Subjetividade e Sociedade: Uma Experiência de Geração*. RJ: J Zahar



1994 - *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. RJ: J Zahar

Velho, G., org.

1980 - *O Desafio da Cidade*. Rio de Janeiro: Campus

1995 - *Quatro Viagens: Antropólogos Brasileiros no Exterior*. Comunicações do PPGAS 6. RJ: Museu Nacional/UFRJ

Velho, Otávio

1972 - *Frentes de Expansão e Estrutura Agrária*. RJ: Zahar

1976 - *Capitalismo Autoritário e Campesinato*. SP: Difel

1982 - Through Althusserian spectacles: recent social anthropology in Brazil. *Ethnos* 47(1-2): 133-49

1995 - *Besta-Fera. Recriação do Mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará

Vianna, Hermano

1995 - *O Mistério do Samba*. RJ: J Zahar/Editora da UFRJ

Vidal, Lux

1977 - *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira: os Kayapo-Xikrin do Rio Catete*. SP: Hucitec

Vilhena, Luís Rodolfo da Paixão

1997 - *Projeto e Missão: O Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro: Funarte/Fundação Getúlio Vargas

Villaça, A.

1992 - *Comendo como Gente: Formas do Canibalismo Wari*. RJ: Anpocs/UFRJ

Viveiros de Castro, Eduardo

1986 - *Araweté: Os Deuses Canibais*. RJ: Zahar/Anpocs

1992 - *From the Enemy's Point of View. Humanity and Divinity in an Amazonian Society*. Chicago: Univ. Chicago Press

1993 - Structures, régimes, stratégies. *L'Homme* 133: 117-37

1994 - Une mauvaise querelle. *L'Homme* 34: 181-91

1995b - Pensando o parentesco ameríndio. See Castro 1995a, pp. 7-24

1995c - Sobre a antropologia hoje: te(i)mas para discussão. In *O Ensino da Antropologia*. RJ: ABA

1999 - Etnologia brasileira: rotação de perspectiva. Ms.

Viveiros de Castro, E., org.

1995a - *Antropologia do Parentesco: Estudos Ameríndios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ

Viveiros de Castro, E. & C. Fausto

1993 - Puissance et l'acte: la parenté dans les basses terres d'Amérique du Sud. *L'Homme* 33 (2-4): 141-70

Wagley, Charles

- 1977 - *Welcome of Tears: the Tapirape Indians of Central Brazil*. NY: Oxford Univ. Press
- Wagley, C. & E. Galvão  
1949 - *The Tenetehara Indians of Brazil: A Culture in Transition*. NY: Columbia Univ. Press
- Wilk, R.  
1999 - Consuming America. *Anthropology Newsletter* 40(2): 1,4
- Woortmann, Ellen  
1995 - *Herdeiros, Parentes e Compadres*. São Paulo/Brasília: Hucitec/EdUnB
- Woortmann, Klaas  
1990 - Com parente não se neguecia: o campesinato como ordem moral. *Anuário Antropológico/87*: 11-76  
1997 - Sobre a formação de antropólogos. *Anuário Antropológico/96*: 9-31
- Zaluar, Alba  
1985 - *A Máquina e a Revolta. As Organizações Populares e o Significado da Pobreza*. SP: Braziliense  
1993 - Relativismo cultural na cidade? *Anuário Antropológico/90*: 137-56  
1994 - *Cidadãos Não Vão ao Paraíso*. SP: Escuta
- Zatz, Inês  
1986 - *Catireiros e candangos: a construção de identidade em Planaltina, DF*. Diss. de mestrado, UnB

## SÉRIE ANTROPOLOGIA

**Últimos títulos publicados**

246. BAINES, Stephen Grant. *Imagens de Liderança Indígena e o Programa Waimiri-Atroari: Índios e Usinas Hidrelétricas na Amazônia*. 1999.
247. RAMOS, Alcida Rita. *Cutting Through State and Class: Sources and Strategies of Self-Representation in Latin America*. 1999.
248. RIBEIRO, Gustavo Lins. *Tecnotopia versus Tecnofobia. O Mal-Estar no Século XXI*. 1999.
249. CARVALHO, José Jorge de. *Um Espaço Público Encantado. Pluralidade Religiosa e Modernidade em Brasília*. 1999.
250. CARDOSO DE OLIVEIRA, Luís R. *Dois Pequenos Ensaios Sobre Cultura, Política e Demandas de Reconhecimento no Quebec*. 1999.
251. GUBER, Rosana & VISACOVSKY, Sergio E. *Imágenes etnográficas de la nación. La antropología social argentina de los tempranos años setenta*. 1999.
252. BOSKOVIK, Aleksandar. *Anthropological Approaches to the Study of Myth*. 1999.
253. TEIXEIRA, Carla Costa. *O Preço da Honra*. 1999.
254. BOSKOVIK, Aleksandar. *What's in a Name? Feminist Discourses in the Republic of Slovenia*. 1999.
255. PEIRANO, Mariza G.S. *A Alteridade em Contexto: A Antropologia como Ciência Social no Brasil*. 1999.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia  
Instituto de Ciências Sociais  
Universidade de Brasília  
70910-900 — Brasília, DF

Fone: (061) 348-2368  
Fone/Fax: (061) 273-3264